



“VIDAS ESQUECIDAS”:
DAS MÃES COM ZIKA E BEBÊS COM MICROCEFALIA AOS ATLETAS
OLÍMPICOS E TURISTAS ESTRANGEIROS

Paulo Renato Rodrigues Pimentel¹
Luiz Felipe Zago²

Resumo

Este trabalho é produto de uma pesquisa mais ampla em desenvolvimento desde janeiro de 2016. As áreas de abrangência são saúde coletiva e comunicação social, articuladas pela análise dos modos como notícias representam um determinado processo de saúde-doença, tomando como referencial teórico dos Estudos Culturais. Nesta pesquisa, preocupamo-nos em compreender o desaparecimento discursivo dos bebês com microcefalia e das mães dos bebês nas notícias sobre a epidemia de Zika vírus no Brasil. O material empírico é constituído de aproximadamente 70 manchetes e notícias publicadas pela Folha de S. Paulo on-line entre os meses de junho a agosto de 2016. Entre as 70 manchetes e notícias coletadas, somente quatro tratam das mulheres que tiveram Zika durante a gravidez ou sobre os bebês com microcefalia. Três manchetes relatam o nascimento de bebês com microcefalia fora do País. Dezesesseis manchetes abordam decisões de atletas em relação a participação no evento. Dezoito manchetes tratam de expectativas do evento e ações tomadas pelo Comitê Olímpico para tranquilizar atletas e participantes das Olimpíadas Rio 2016. É perceptível o deslocamento dos sujeitos discursivamente descritos nas manchetes às vésperas das Olimpíadas, em agosto de 2016, quando comparadas às notícias veiculadas pela Folha de S. Paulo on-line desde o início da pesquisa, em janeiro de 2016. O jornal progressivamente diminui a publicação de informações sobre os bebês com microcefalia, sobre as mulheres nordestinas que tiveram o Zika e passa a tematizar atletas e turistas estrangeiros. Observa-se a predominância de dados estatísticos sobre narrativas de indivíduos afetados pelo Zika.

Palavras chave: Estudos Culturais; gênero; mídia.

INTRODUÇÃO

Oficialmente o Zika vírus foi confirmado pelo Ministério da Saúde em maio de 2015. O seguinte texto foi publicado no Portal da Saúde³: Conforme Debora Diniz (2016), um médico infectologista começou a suspeitar de que os casos até então notificados como dengue fraca poderiam indicar que havia uma nova doença em circulação no país. Ele ainda não sabia, mas o que a população do Nordeste do Brasil chamava de “alergia medonha”, febre

1 Aluno do curso de graduação em Jornalismo – Bolsista PIBIC/FAPERGS – paulojrpimentel@gmail.com

2 Professor do curso de graduação em Jornalismo e do PPG – Educação – professorluizfelipezago@gmail.com

³<http://portalsaude.saude.gov.br>

baixa, coceira no corpo e vermelhidão, sintomas que sumiam em poucos dias, era exatamente os sinais da infecção pelo Zika (DINIZ, 2016, p. 46).

A epidemia de Zika tomou grandes proporções entre os meses finais de 2015 e início de 2016, sobretudo no Nordeste do Brasil. Pouco se sabia sobre a doença na época, mas já havia a possibilidade de associação do vírus Zika ao aumento do número de nascimentos de crianças com microcefalia no Brasil, especialmente naquela região. Então, notícias sobre a epidemia de Zika e os casos de microcefalia, isto é, sobre as mulheres mães com o vírus e seus bebês com tamanho anormal do crânio, ganharam visibilidade e destaque nas notícias divulgadas pelos meios de comunicação de massa no país e circunscreviam a epidemia ao Nordeste brasileiro.

Graças aos dados oriundos do Brasil, a Organização Mundial da Saúde decretou emergência global de saúde, em 1 de fevereiro de 2016, sendo a quarta vez na história em que o mundo recebeu este tipo de decreto. A Síndrome Congênita do Zika é um grupo de sinais e sintomas, entre eles a microcefalia, que ocorre quando há a transmissão vertical do vírus da mãe que teve a doença para o feto, causando nas crianças inúmeras limitações: baixa visão, baixa audição, problemas de locomoção, tamanho reduzido do crânio (DINIZ, 2016, p.69). Em julho de 2016, a Organização Mundial da Saúde fez um novo pronunciamento, no qual afirmou que a emergência global continuava.

Dado e breve histórico aqui trazido sobre a emergência da epidemia de Zika no Brasil, que procurou mencionar, de modo não exaustivo, a relevância da temática no contexto social brasileiro, procurar-se-á a partir daqui sublinhar também a relevância midiática da epidemia, no modo como um grande veículo de comunicação produziu notícias sobre o fato. Metodologicamente, utilizaremos aportes da parte quantitativa da Teoria da Agenda, conforme Maxwell McCombs (2009) e, na parte qualitativa, com as balizas da análise cultural nos Estudos Culturais em Comunicação (ESCOSTEGUY, 1998) e na análise discursiva em Michel Foucault (1996).

Assim, o objetivo geral deste artigo é mostrar quais narrativas são produzidas sobre a epidemia de Zika no Brasil através das notícias e manchetes publicadas pela Folha de S. Paulo online durante o primeiro semestre de 2016. Os objetivos específicos deste artigo são: analisar como são construídos os lugares de mulher mãe e de bebê com microcefalia nas notícias e manchetes publicadas na Folha de S. Paulo online sobre a epidemia de Zika no Brasil para o recorte temporal eleito e sublinhar as mudanças das abordagens das notícias e manchetes

sobre a epidemia de Zika no Brasil, acompanhando temporalmente o surgimento da “mãe sozinha”, do “bebê monstruoso” para o período selecionado.

METODOLOGIA

Os veículos de comunicação de massa desempenham, em nossa sociedade, o papel de informar e determinar os assuntos que terão relevância e deverão ser debatidos no cotidiano social, segundo Maxwell McCombs (2009). Para o autor, os jornais, as notícias de TV, as notícias publicadas em uma página oficial de um meio de comunicação de massa, fazem bem mais do que sinalizar a existência de temas e eventos importantes. Conforme ele, na seleção diária de notícias os editores e diretores de uma redação podem focar a atenção dos leitores em determinados temas e podem influenciar suas percepções naqueles tópicos que são as questões por eles definidas como mais importantes do dia. Esta habilidade de influenciar a relevância dos tópicos na agenda pública veio a ser chamada de função de agendamento dos veículos noticiosos (McCOMBS, 2009).

Conforme McCombs (2009), a repetição de um tema dia após dia é a mais importante mensagem de sua importância dada pelos meios noticiosos. Para o autor, a principal afirmativa da Teoria da Agenda é que os temas destacados nas notícias acabam, ao longo do tempo, sendo considerados como importantes também pelo público. Em outras palavras, a agenda da mídia estabelece a agenda do público, em relação a qual assuntos receberão atenção no cotidiano. Segundo o autor, “esse é um efeito causal forte da comunicação massiva no público: a transferência da saliência da agenda da mídia para agenda do público” (McCOMBS, 2009, p. 22). A verificação da agenda da mídia acontece a partir de um levantamento quantitativo das notícias cujos temas são repetidos e retomados em um dado recorte de tempo em um determinado veículo de comunicação. É nessa parte da Teoria da Agenda na qual nos inspiramos para um aspecto da metodologia deste artigo. Entretanto, segundo McCombs (2009), para que haja a confirmação do agendamento pela mídia é ainda necessário verificar se os temas recorrentes no veículo selecionado infiltram no cotidiano do público – algo que exige pesquisas específicas junto ao público. Para este artigo, não levaremos em conta essa segunda parte do método da Teoria da Agenda, que consiste em verificar a recepção dos conteúdos agendados pela mídia nos indivíduos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Se nos meses de janeiro a março de 2016 os sujeitos noticiosos da Folha de S. Paulo eram a mulher mãe sozinha e o bebê monstruoso com microcefalia, já no mês de abril o foco do veículo passa a ser a informação de dados sobre pesquisas em relação ao Zika, dados sobre

o aumento de casos de Zika e microcefalia no Brasil, dados sobre descobertas de outras relações e consequências do vírus Zika em adultos, informações sobre consenso da relação entre Zika e microcefalia por cientistas. Inicia-se, assim, um processo de deslocamento do enquadramento das notícias. Se até abril de 2016 o conteúdo midiático produzido apresentava sujeitos discursivos concretos, relatos de experiências das mulheres mães sobre a epidemia de Zika, especialistas que proferiam recomendações para mulheres mães a respeito da gravidez em tempo de Zika, a partir de maio de 2016 a Folha de S. Paulo passa a apresentar um agendamento midiático com foco nos dados sobre a epidemia, dados sobre descobertas, números, constituindo o que chamamos aqui de desaparecimento do humano nas notícias publicadas pelo veículo.

A partir do mês de junho até agosto de 2016, as manchetes noticiam sobre as delegações e atletas que desistiram ou confirmaram suas presenças no maior evento esportivo do mundo, decisões influenciadas pela ocorrência da epidemia de Zika no Brasil. Porém, as repercussões da epidemia de Zika são noticiadas como ameaças menores, que não colocariam em risco aqueles ou aquelas que viessem a participar do Evento. As mesmas manchetes também noticiam recomendações e orientações sobre a prevenção sexual, na tentativa de tranquilizar os possíveis turistas e participantes do evento a respeito do controle da epidemia. Entre as 70 manchetes e notícias coletadas, somente quatro tratam das mulheres que tiveram Zika durante a gravidez ou sobre os bebês com microcefalia. Três manchetes relatam o nascimento de bebês com microcefalia fora do País. Dezesesseis manchetes abordam decisões de atletas em relação a participação no evento. Dezoito manchetes tratam de expectativas do evento e ações tomadas pelo Comitê Olímpico para tranquilizar atletas e participantes das Olimpíadas Rio 2016. Sete manchetes abordam o Zika e a transmissão sexual do vírus em outros países. Vinte e nove manchetes tratam sobre os avanços das pesquisas de combate ao Zika, testes das vacinas, outros possíveis inibidores do contágio com o vírus e dados em geral da epidemia.

Nessa direção, é perceptível o deslocamento das narrativas jornalísticas e sujeitos discursivamente descritos nas manchetes às vésperas das Olimpíadas, em agosto de 2016, quando comparadas às notícias veiculadas pela Folha de S. Paulo online desde o início da pesquisa, em janeiro de 2016. A partir de abril do ano de 2016, o jornal diminui a publicação de informações sobre os bebês com microcefalia, sobre as mulheres Nordestinas que tiveram o Zika e sobre a transmissão vertical do vírus para seus bebês – dado que caracteriza o esquecimento midiático dos sujeitos afetados pela epidemia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No final do mês de abril de 2016, A Folha de S. Paulo online publicou uma reportagem, a única para o período, que chamava a atenção sobre o desaparecimento dos relatos e experiências pessoais das mulheres mães afetadas pela epidemia de Zika no Brasil. A reportagem tinha a seguinte manchete: “Grávidas em tempos de Zika vivem ‘sob tortura’” (26.04.2016, Folha de São Paulo). No texto, a antropóloga Débora Diniz, pesquisadora e professora da Universidade de Brasília afirmou que “O estado de incerteza em que vivemos traz uma situação de tortura para as mulheres”. Outra informante, Suzane Serruya, diretora do Centro Latino-Americano de Perinatologia da Organização Panamericana de Saúde (OPAS/OMS) disse, na mesma reportagem: “Espero que a Zika não vire uma sífilis. Uma doença de mulher negra e pobre. Uma doença de mulheres vulneráveis. Espero que não seja uma doença de mulher alguma. A mulher tem que estar à frente e no centro da discussão para que ela tenha a amplitude que merece”, afirmou. No ensejo dessas declarações, e com base nos dados levantados nesta pesquisa, é perceptível o deslocamento dos sujeitos discursivamente descritos nas manchetes às vésperas das olimpíadas, em agosto de 2016, quando comparadas às notícias veiculadas pela Folha de S. Paulo on-line desde o início da pesquisa, em janeiro de 2016. O jornal progressivamente diminuiu a publicação de informações sobre os bebês com microcefalia, sobre as mulheres nordestinas que tiveram o Zika e passa a tematizar atletas e turistas estrangeiros. Observa-se, por fim, a predominância de dados estatísticos sobre narrativas de indivíduos afetados pelo Zika. Esses dados caracterizam um caso de esquecimento midiático das mulheres nordestinas e bebês com microcefalia afetados pelo Zika.

REFERÊNCIAS

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. Uma introdução aos Estudos Culturais. **Revista Famecos: mídia, cultura e tecnologia**, v. 5, n. 9, Porto Alegre: 1998.

DINIZ, Debora. **Zika: do sertão nordestino à ameaça global**. 1 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

MCCOMBS, Maxwell. **A teoria da agenda: a mídia e a opinião pública**. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.